

De volta ao futuro da língua portuguesa.

Atas do X^o UNICAMP Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa

Simpósio 22 - Questões semântico-sintáticas na pesquisa e no ensino da língua portuguesa, 3459-3476

ISBN 978-88-8305-127-2

DOI 10.1285/i9788883051272p3459

<http://siba-esel.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

A LINGUAGEM INOVADORA DE “RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA”, DE LIMA BARRETO, PELO VIÉS DO JORNAL

Marta RODRIGUES⁷³

RESUMO

Muito se discute a respeito da função da leitura de textos literários no contexto escolar, tanto como forma de humanização quanto como formação de repertório cultural. Esse processo se reveste, muitas vezes, de uma série de percalços. Algumas das razões de afastamento do leitor/aluno dizem respeito, por exemplo, à diversidade linguística, à descontextualização, à falta de identificação com o conteúdo narrado. No entanto, efetuando uma contextualização adequada e conseguindo fazer da leitura uma reflexão sobre o mundo atual e suas demandas, o afastamento se transforma em aproximação, e a leitura ecoa não só como algo obrigatório, mas também como possibilidade de construção crítica da realidade. Constatei esse fato ao longo dos anos, especialmente ao trabalhar com o Ensino Médio, quando efetivamente os clássicos se tornam "leituras obrigatórias". Ao trabalhar com o romance "Recordações do escrivão Isaías Caminha", do escritor pré-modernista Lima Barreto, em turmas de 3^a série do Ensino Médio do Colégio Pedro II, a partir da influência do jornal na construção das verdades sociais no romance, e de sua forte influência para a remodelação da linguagem literária, em comparação à influência midiática nos dias de hoje, essa aproximação se tornou evidente. O trabalho em questão é, desse modo, uma reflexão a respeito dessa leitura, desenvolvida em sala de aula, enfatizando as semelhanças e as diferenças lexicais, e a atualidade da linguagem utilizada por Lima Barreto, que lhe conferiu um viés contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto; linguagem; jornalismo; ensino.

Muito se discute a respeito da função da leitura de textos literários no contexto escolar, tanto como forma de humanização quanto como formação de repertório cultural. Esse processo se reveste, muitas vezes, de uma série de percalços. Algumas das razões de afastamento do leitor/aluno dizem respeito, por exemplo, à diversidade linguística, à descontextualização, à falta de identificação com o conteúdo narrado. No entanto, efetuando uma contextualização adequada e conseguindo fazer da leitura uma

73 CPlI - Departamento de Língua Portuguesa, Av. Mem de Sá, 93, apto 1001, CEP 20130-150, Centro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: profmarta2509@gmail.com

reflexão sobre o mundo atual e suas demandas, o afastamento se transforma em aproximação, e a leitura ecoa não só como algo obrigatório, mas também como possibilidade de construção crítica da realidade.

Constatei esse fato ao longo dos anos, especialmente ao trabalhar com o Ensino Médio, quando efetivamente os clássicos se tornam "leituras obrigatórias". Nos romances machadianos, por exemplo, a relação contextual, quando relacionada à contemporaneidade, faz com que o leitor reflita sobre questões político-sociais que até hoje não se resolveram. A visão do homem e da humanidade presente na poesia de Augusto dos Anjos potencializa-se no mundo contemporâneo, das disputas constantes, da competição incessante, em que se prevenir da traição leva a um "escarro na boca que te beija" antes que a mesma o faça.

A educação, cada vez mais, precisa dialogar com as variadas mídias e se apropriar de diferentes linguagens, promovendo os chamados *multiletramentos*. A utilização de linguagens variadas, que integram muitas vezes o repertório dos alunos, para além da cultura tradicionalmente considerada, é um caminho importante para a dinamização da sala de aula. Essa é a perspectiva do multiculturalismo, para cuja importância chama a atenção Jacqueline Barbosa (2007:42-3):

[...] Como uma das marcas identitárias de grupos sociais, o uso das diferentes linguagens ao mesmo tempo constitui e manifesta a diversidade cultural, sendo também marcado pela explicitação das contradições sociais e culturais expressas por contraposições entre o padrão e as variações, o culturalmente valorizado o "marginal", o hegemônico e o contra-hegemônico, o tradicional e a ruptura ou vanguarda. Seja no uso de uma língua, que sempre contará com o fenômeno da variação linguística, seja no interior de uma dada forma de manifestação artística, essas oposições estão presentes e sua exploração deve constituir-se em um dos objetivos da aprendizagem, dado seu valor político, social e cultural. Mais do que contemplar essas diferenças, é preciso considerar efetivamente as manifestações linguísticas e culturais dos alunos e propor diálogos (por vezes, conflituosos) com as demais formas de manifestações culturais, na perspectiva de promover uma ampliação no universo cultural dos alunos que não seja impositiva ou que reafirme as relações de dominações existentes e que acabem por afastar o aluno da escola.

Sabemos que a escola não é livre, ela lida com conteúdos a serem cumpridos, com objetivos próprios a cada segmento, dentro de um currículo mínimo. No entanto, esse fato não deve inviabilizar o trabalho do professor, que precisa aliar conteúdos

programáticos a uma prática educativa que empreste sentido à leitura. Quanto mais situado o leitor puder estar em relação à obra a ser estudada, mais significativa ela será, e mais interessantes serão as intervenções que o aluno venha a fazer. Como afirma Dalvi (2013:74):

O estudante precisa ser incentivado a ter contato com formas, textos, estéticas mais sofisticadas (o que está longe de querer dizer “mais eliminadas”, que exigirão seu esforço in(ter)ventivo como leitor, sem, contudo, deixar de lado essa compreensão situada da literatura).

O desejo é o de conciliar a leitura reflexiva ao ato lúdico de ler e de produzir a partir do que se lê. Em outras palavras, é importante trazer para o contexto didático o prazer na reflexão sobre o que é lido, aproximando o *leitor compulsório*, que lê porque deve, do *leitor lúdico*, que lê porque quer (JAVIER-FALEIROS, 2013:129).

A atribuição de significados ao texto relaciona-se ao horizonte de conhecimentos e experiências do leitor, a sua bagagem pessoal, existencial, ao seu repertório sócio-cultural, linguístico. É desse universo que nasce a compreensão do texto; o leitor tem um papel dinâmico na interação com a leitura, na qual imprimirá sentidos diversos.

Ao trabalhar com o romance *Recordações do escrivo Isaías Caminha*, do escritor pré-modernista Lima Barreto, em turmas de 3ª série do Ensino Médio, do Colégio Pedro II, a partir da influência do jornal na construção das verdades sociais no romance, em comparação à influência midiática nos dias de hoje, essa aproximação se tornou ainda mais evidente. O trabalho em questão é, desse modo, uma reflexão a respeito dessa leitura, desenvolvida em sala de aula, enfatizando as semelhanças e as diferenças lexicais, e a atualidade da linguagem utilizada por Lima Barreto, que lhe conferiu um viés contemporâneo.

Inicialmente, apresentei aos alunos uma crônica de Lima Barreto (2004) acerca das chuvas no Rio de Janeiro, com todas as consequências que qualquer carioca bem conhece.

Chuvas de Verão

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas.

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro inundações desastrosas.

Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis.

De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos.

Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolúvel tão simples problema.

O Rio de Janeiro, da avenida, dos squares, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral.

Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha!

Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão.

O Prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descurou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio.

Cidade cercada de montanhas e entre montanhas, que recebe violentamente grandes precipitações atmosféricas, o seu principal defeito a vencer era esse acidente das inundações.

Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social.

O Rio de Janeiro havia passado há pouco mais de um ano por uma enchente que literalmente destruíra partes da cidade, com inúmeras mortes, especialmente na região serrana do Rio (com concentração em Friburgo e Petrópolis). Sem dizer a fonte ou seu autor, discutimos o conteúdo do texto, a linguagem, o enfoque, a pertinência do que era abordado, dentro da categorização da crônica narrativa. Depois da discussão do texto, apresentei o autor e a data em que o texto foi publicado, em jornal do Rio de Janeiro, no *Correio da Noite*, em 19-01-1915. Essa foi a forma de introduzir um autor que pensou seu tempo, em uma linguagem inovadora para os padrões da época e que mantém, até hoje, seu frescor de atualidade.

Após essa análise, apresentei o autor do texto e sua história. Lima Barreto foi um autor imerso em seu tempo. E esse tempo foi de grandes transformações. Escritor carioca, teve no Rio de Janeiro, então capital de uma ainda recente República, o espaço em que transitou como andarilho que era, e como escritor preocupado em capturar o momento histórico-social da época. As modificações do espaço físico-geográfico do Rio, consequência da necessidade de saneamento, aliada ao desejo de embelezamento, foi objeto de observação atenta e crítica do autor, tanto em seus romances, como *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, *Vida e morte de*

M. J. Gonzaga de Sá, em que a cidade emerge como uma personagem no conjunto da história, como em inúmeras crônicas. Encontra-se em seus textos um olhar amoroso, crítico e muitas vezes cáustico sobre a cidade em que habitava e a que serviu como cronista de seus costumes. Negro, intelectual, em terra de “brancos” e de preconceitos, o autor foi capaz, como poucos, de capturar as mudanças de sua época, e essa época passada ecoa presente, e tão contemporânea, ainda em nossos dias.

Aproveitei o ensejo para apresentar trechos de outras crônica em que o caráter crítico do autor se faz presente, e que dialogavam com a realidade atual, na qual os alunos se encontram inscritos. Se a crônica muitas vezes é considerada o lugar do efêmero na literatura, na medida em que captura um momento delimitado, cujas referências podem se perder no transcorrer do tempo, as crônicas de Lima Barreto funcionam, em grande parte, como um painel da história do Rio de Janeiro que não se limitou ao momento vivido; refletem um tempo, mas também funcionam como uma explicação de muito do que a cidade e o país são hoje.

A crônica “A nossa situação”, publicada em 1920, condensa os vários aspectos de avaliação da realidade brasileira sobre a qual o autor se voltou. Nela, Lima Barreto traça um painel dos inúmeros problemas políticos que assolam o país. A República, que sempre lhe mereceu contundentes críticas, é avaliada em seu processo de solidificação e, mais uma vez, o que resta é um gosto amargo de decepção:

Estes trinta anos de República têm mostrado, mais do que o passado regímen, além da incapacidade dos dirigentes para guiar a massa da população na direção de um relativo bem-estar, a sua profunda desonestidade, os baixos ideais de sua política que, em presença de propinas e gorjetas, lucros ou quais sejam em moeda não trepidam em lançar na miséria, na mendicância, no alcouce, na taverna os seus patricios, mesmo atirá-los à aventura de uma guerra [...]

Tenho dito muitas vezes aqui e alhures que o princípio geral a que obedece a política republicana é enriquecer cada vez mais os ricos e empobrecer cada vez mais os pobres. (2004:254-255)

A indiferença política em relação aos pobres, os favorecimentos de que as ações governamentais se revestiam, como forma de enriquecimento ilícito são elementos de denúncia constante na obra de Lima Barreto. Nada melhor para um enriquecimento ilegal dos que os desvios de dinheiro que as inúmeras obras proporcionam; é através delas que riquezas foram feitas, e nem ao cabo não há nem mesmo a herança de uma obra que efetivamente favoreça a cidade:

A fortuna nas mãos dos que têm dinheiro ou alcançam possuir algum, por este ou aquele processo inconfessável, graças a toda a sorte de expedientes administrativos e legislativos, em breve é triplicada, quintuplicada, até decuplicada, em detrimento da economias dos pobres e dos remediados [...]

As últimas obras municipais, os famigerados melhoramentos de Copacabana, Vidigal, Leblon, Ubatuba e lagos dos Patos, mostram ao mais incrédulo como essas obras sem utilidade geral, sem alcance algum para a totalidade da população, são mais levadas a efeito para proteger certos e determinados indivíduos do que mesmo para embelezar, no mínimo, a cidade. (2004:255)

A crônica faz um apanhado dos muitos problemas que assolavam (?) o país, como a ausência de investimento em ferrovias, o alto preço dos alimentos (cita, inclusive, o valor da carne seca, antes acessível aos pobres, e que, pelo preço da época, tornara-se um alimento fora de alcance, fazendo-nos lembrar de que hoje a mesma carne vale o preço de uma picanha), a ausência uma política de continuidade entre os governantes: “Tudo é feito aos saltos e o governo que substitui outro, trata logo de desmanchar aquilo que o antecessor fez” (p.257). Cita o problema da seca, e o descaso em relação ao problema que se perpetua, sem nenhuma ação efetiva que, ao menos, minimizasse seus efeitos. Os intelectuais do país, que tanto valor sempre deu aos “doutores”, contra os quais tanto se opôs Lima Barreto, ele mesmo impedido de se tornar um engenheiro pelas sucessivas reprovações em Mecânica impingidas por um professor da Escola Politécnica, não conseguem pensar sua própria realidade e, conseqüentemente, são incapazes de efetuar as mudanças efetivamente necessárias.

Dentre os inúmeros fracassos das ações políticas, o de manter a cidade sempre à mercê dos efeitos das chuvas de todos os verões chama a atenção. Ano após ano, as enchentes pegam “desprevenidos” os comandantes da cidade, que se surpreendem com sua capacidade destrutiva, mas que nada fazem para ao menos ministra seus efeitos, como visto na primeira crônica apresentada. Os personagens mudam, as siglas dos partidos se alteram, os discursos se sucedem, mas o *déjà vu* se mantém.

Ao longo de suas muitas crônicas, Lima Barreto conseguiu abranger com seu olhar as transformações da cidade, as questões político-sociais de seu tempo; deu ao subúrbio visibilidade, colocando em evidência a classe desfavorecida, e as injustiças de que eram vítimas. Apesar de terminar uma de suas crônicas afirmando que “o Brasil é feito para desanimar” e que o melhor é não tratar desses assuntos, os quais tanto provocam desgosto, escrevia para lutar contra essa desilusão; porque sempre acreditou

que o papel do escritor, antes de qualquer coisa, é o de ser um militante em prol de seu país e de seu povo, o que cumpriu até final de sua curta e produtiva vida literária.

Lima Barreto foi um cronista independente, o que lhe possibilitou apresentar uma visão contundentemente crítica da realidade. Por ter inicialmente se incompatibilizado com a imprensa carioca, em decorrência de seu romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, no qual expôs os bastidores do jornalismo da época, especificamente do mais famoso jornal do seu tempo, o *Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt, que no romance se chama *O Globo*, de forma satírica, desmoralizando os detentores do poder midiático e suas influências sociais, angariou a antipatia dos poderosos e teve várias portas de jornais fechadas. Por isso, passou a contribuir em pequenos periódicos, nos quais tinha liberdade de expressão. Quando volta a ter posto de trabalho na grande imprensa, ela só se fazia possível se lhe fosse garantida independência de pensamento e expressão.

A partir daí, apresentamos a proposta de leitura bimestral, do romance de Lima Barreto cujo conteúdo se mostra absolutamente contemporâneo: *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

O romance em questão foi, por opção de Lima Barreto, aquele que, polemicamente, o lançou ao mundo das letras (embora ele tivesse outro praticamente pronto, bem menos polêmico, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*), mexendo no vespeiro da imprensa carioca que se solidificava e se estruturava como um quarto poder na organização social pós-republicana.

Antes de mais nada, discutimos o conceito de romance, daquilo que identificaria e caracterizaria o gênero a partir da narrativa em estudo especificamente. Como gênero em evolução, o romance reflete e registra a transformação da própria realidade, e, assim, quase sempre mergulha no tempo enquanto este se realiza; não há um afastamento temporal, há uma inserção no tempo presente, nos fatos contemporâneos, enquanto se concretizam: “O romance é o único gênero em evolução, por isso ele reflete mais profundamente, mais substancialmente, mais sensivelmente e mais rapidamente a evolução da própria realidade.” (BAKHTIN, 1998:400). E, se a realidade se altera, há a necessidade da “produção de um novo tipo de objetividade”, de acordo com a “transformação das atitudes subjetivas do leitor” (JAMESON, 1992:155).

Lima Barreto, ao fazer representações de seu tempo, de um real inacabado, se aproveita dessa liberdade de atuação do romancista. No entanto, independentemente dos dados da realidade do eu do autor ali presentes, o romance termina por ser o retrato de

um tempo em processo de profundas modificações, especialmente no que diz respeito ao papel do escritor e da recepção do objeto literário.

Um personagem como Isaías Caminha é filho de seu tempo; só pode existir e justificar-se em sua individualidade em consequência do tempo, histórico e social, em que vive e do espaço em que se insere. Como figura de um tempo de modernidade, tem na experiência diária a prática de sua existência, uma vez que o cotidiano passa a ser “objeto merecedor de atenção representacional” (COHEN, 2004:260-1).

A proposta de leitura do romance se deu a partir de três eixos: o processo de desilusão do personagem Isaías Caminha, interiorano que projeta seus sonhos de futuro na capital, para onde se dirige repleto de pretensões; as transformações promovidas pelo Bota-Abaixo de Pereira Passos, com o centro da cidade se remodelando, expropriando de seu espaço os que não se encaixavam no perfil de cidade higienizada; a influência da imprensa na constituição político-social pós-República.

O ano de 2013 foi propício para a leitura do romance (feliz ou infelizmente), uma vez que a cidade do Rio de Janeiro, e todo o Brasil, passava (passa) por um processo semelhante de transformação do espaço físico-geográfico empreendido por Pereira Passos em virtude de uma série de eventos que o país e a cidade receberam (receberiam), como a Jornada Mundial da Juventude, a Copa do Mundo, as Olimpíadas etc.

O início do século XX no Rio de Janeiro é de transformações no espaço geográfico que implicam modificações de ordem social, de modificações na estrutura de poder, com a imprensa passando a desempenhar um enorme poder.

[...] Está tudo mudado: Abolição, República... Como isso mudou! Então, de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida; botam abaixo, derrubam casas, levantam outras, tapam umas ruas, abrem outras... Estão doidos!!! (BARRETO, 1983:56, cap. II)

É o Bota-Abaixo de Pereira Passos, é a cidade se remodelando, se espalhando para os subúrbios, sendo saneada, modernizada, adequada ao gosto e aos valores europeus, modelo de civilização no qual nos espelhávamos. Para uma nova cidade, um novo olhar, uma nova apreensão do real, uma nova dinâmica de percepção, de apreensão e de registro do olhar. Coletamos, como forma de inserir o romance no contexto atual, matérias jornalísticas a respeito das modificações na cidade (e no país), de modo a efetuar uma reflexão crítica sobre os processos de reformas do espaço

geográfico que ocorrerem no país ao longo da história. Os alunos fizeram um material comparativo, cotejando os elementos do romance com os da atualidade.

A imprensa, por sua vez, pode ser avaliada, em seu processo de formação e consolidação, como um produto do próprio sistema de desenvolvimento do mundo capitalista burguês. Nela, encontram-se solidificados os valores da burguesia, contribuindo em muito para a uniformização do pensamento e do comportamento dos indivíduos. O controle dos meios de difusão das ideias é uma das formas de transmissão de uma unidade de valores éticos, morais, sociais, culturais, políticos. Nesse sentido, a liberdade de informar e de opinar se desenvolveu de acordo com os interesses do momento. A relação entre desenvolvimento da imprensa e capitalismo torna-se, desse modo, evidente. A concentração urbana, o surto demográfico, a necessidade de circulação de informações, de um mundo de produção de massa levaram a imprensa a revolucionar suas técnicas de produção, de modo a atender à demanda de um mundo em que relações mercadológicas passam a ser a regra:

[...] a produção ascensional [de massa] provocou a abertura de novos mercados, a necessidade de conquistá-los conferiu importância à propaganda, e o anúncio apareceu como traço ostensivo das ligações entre a imprensa e as demais formas de produção de mercadorias. (SODRÉ, 1966:3)

É fácil avaliar a terrível força da engrenagem que se compõe de agências de notícias, agências de publicidade e cadeias de jornais e revistas, sua influência política, sua capacidade de modificar a opinião, de criar e manter mitos ou de destruir esperanças e combater aspirações. Quando se verifica que essa gigantesca engrenagem é simples parafuso de engrenagem maior, a que pertence, do capitalismo monopolista, ainda mais fácil é estimar o seu alcance e poder. (SODRÉ, 1966:6)

A força da imprensa se mostra evidente no romance em estudo, especialmente no aspecto manipulador, associado à destruição de esperanças e aspirações. A imprensa também passava, coincidentemente, no contexto do ano de 2013, por um processo semelhante ao vivenciado no romance, modificando suas tendências ao sabor das circunstâncias. A Rede Globo, em um erro de avaliação, posicionou-se contrária às manifestações que se espalhavam pelo Brasil, no movimento que ficou conhecido como "Não são só 20 centavos" (Movimento Passe Livre). Inicialmente contrária, retificou sua posição, inclusive com um de seus articulistas, Arnaldo Jabor, se retratando publicamente pelas críticas contundentes feitas em rede nacional. [ver matéria em apêndice]

Assim um dos personagens do romance, Leiva, avalia o poder do jornal à época:

- Você exagera, objetou Leiva. O jornal já prestou serviços.
- Decerto... não nego... mas, quando era manifestação individual, quando não era cousa que desse lucro; hoje, é a mais tirânica manifestação do capitalismo e a mais terrível também... É um poder vago, sutil, impessoal, que só poucas inteligências podem colher-lhe a força e a essencial ausência da mais elementar moralidade, dos mais rudimentares sentimentos de justiça e honestidade! São grandes empresas, propriedade de venturosos donos, destinada a lhes dar o domínio sobre as massas, em cuja linguagem falam, e a cuja inferioridade mental vão ao encontro, conduzindo os governos, os caracteres para os seus desejos inferiores, para os seus atrozes lucros burgueses... Não é fácil a um indivíduo qualquer, pobre, cheio de grandes ideias, fundar um que os combata... Há a necessidade de dinheiro; são precisos, portanto, capitalistas que determinem e imponham o que se deve fazer num jornal... [...] (BARRETO, 1983:96, cap. VII)

O prestígio do jornal era medido pela sua ascendência e pela quantidade de anúncios que publicava, o que determinava, em certa medida, o seu grau de sucesso e de alcance: “[...] [Lobertant] forjava anúncios, ‘calhaus’, calhaus de ‘precisa-se’, de ‘aluga-se’, de pequenos anúncios que, em abundância parecem ser o índice da prosperidade de um jornal” (BARRETO, 1983:125, cap.IX). O poder da imprensa se intensifica por ser o veículo de maior consumo da população em geral, e, conseqüentemente, cresce seu poder de manipulação: [pular a citação]

Lobertant sabia o segredo do seu sucesso e velava pela folha com cuidados especiais. [...] Tinha uma imaginação doentia; forjava coisas terríveis, inventava, criava crimes. Eram cárceres privados, enterramentos clandestinos, incestos, tutores dolosos, etc. (BARRETO, 1983:127, cap. IX)

O jornal de Lobertant nada mais é do que uma resposta às necessidades daquele momento histórico, e o narrador traça um quadro exemplar do processo de solidificação da República, dos interesses que se colocavam naquele momento e das conseqüências disso no êxito de um periódico como *O Globo*:

A República saltou de dentro das nossas almas todas uma grande pressão de apetites de luxo, de fêmeas, de brilho social. O nosso império decorativo tinha virtudes de torneira. O encilhamento, com aquelas fortunas de mil e uma noites, deu-nos o gosto pelo esplendor, pelo milhão, pela elegância, e nós atiramo-nos à indústria das indenizações. Depois, esgotado, vieram os arranjos, as gordas negociatas sob todos os disfarces, os desfalques, sobretudo a indústria política, a mais segura e a mais honesta. Sem a grande agricultura, com o grosso comércio nas mãos dos estrangeiros, cada um de

nós, sentindo-nos solicitado por um ferver de desejos caros e satisfações opulentas, começou a imaginar meios de fazer dinheiro à margem do código e a detestar os detentores do poder que tinham a feérica vara legal de fornecê-lo a rodo. Daí a receptividade do público por aquela espécie de jornal, com descomposturas diárias, pondo abaixo um grande por dia, abrindo caminho, dando esperanças diárias aos desejosos, aos descontentes, aos aborrecidos. E os outros jornais? Nos outros o suborno era patente; a proteção às negociatas da gente do governo não sofria ataques; não demoliam, conservavam, escoravam os que dominavam. (BARRETO, 1983:127, cap. IX)

As grandes negociatas e o dinheiro esbanjado vinham, em grande parte, do processo de remodelação da cidade; o “Bota-abaixo” de Pereira Passos promoveu ganhos sobre as desapropriações, possibilitou desvios de verba e, conseqüentemente, enriquecimentos súbitos e ilícitos. À necessidade real de saneamento somou-se a de fazer do Rio uma Paris tropical. Havia uma “crise de elegância” e por ela pagava-se qualquer preço:

E os da frente, os cinco mil de cima, esforçavam-se por obter as medidas legislativas favoráveis à transformação da cidade e ao enriquecimento dos patrimônios respectivos com indenizações fabulosas e especulações sobre terrenos. Os Haussmanns pululavam. Projetavam-se avenidas; abriam-se plantas *squares*, delineavam-se palácios, e, como complemento, queriam também uma população catita, limpinha, elegante e branca; [...] (BARRETO, 1983:136, cap. X)

Essa necessidade de ter uma “população catita e limpinha” casava-se aos anseios próprios ao período da Restauração, de destruição da velha cidade e da montagem da estrutura urbana:

Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose [...]: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, 1989:30)

Desse processo, como já mencionado, todos tentaram buscar algum lucro, tanto os políticos quanto a imprensa, com seu poder de fazer e desfazer imagens. As campanhas para tornar mais civilizada a população carioca de baixa renda foram comuns à época, chegando a situações que beiravam o absurdo, como a tentativa da criação da lei de obrigatoriedade do uso de paletó e sapatos para todas as pessoas, sem

exceção, que quase foi levada a termo, sendo seriamente (?) discutida pelo Conselho Municipal (SEVCENKO, 1989:33). O projeto de lei não vingou na realidade, mas vingou como ficção.

Loberant e seu jornal atacam ferozmente a lei da obrigatoriedade dos sapatos, em busca de afirmar-se politicamente e mostrar seu poder, ampliando ainda mais sua possibilidade de influenciar os rumos do país: “todos os transeuntes da cidade, todos que saíssem à rua seriam obrigados a vir calçados” (BARRETO, 1983:136, cap. X). A obrigatoriedade cria especulações várias, inclusive a de que quem tivesse pés grandes teria de operar para diminuí-los, como na China, o que ficou conhecido como “operação chinesa”. A citada lei estava em discussão pelas ruas da cidade, mas ninguém lhe dera real atenção, pois o crime de Santa Cruz mobilizara o jornal e a opinião pública. Solucionado o mistério, a lei ecoa no ambiente de *O Globo* e o diretor vê nesse fato um elemento importante de projeção e avaliação da capacidade de influir no curso dos eventos. O jornal, com seus artigos, insufla a população a colocar-se contra a lei e termina por ser, indiretamente, responsável por uma rebelião que custou a vida de alguns cidadãos.

A discussão, ao chegar ao ambiente jornalístico, também gera controvérsias, e o absurdo da proposta é destacado justamente pelo olhar do estrangeiro, Gregoróvitch, que critica o descompasso existente entre nossa realidade e nosso desejo de sermos franceses nos trópicos:

Entrava no momento Leiva, que fazia polícia e “Vida Operária”. Sentindo que se falava na questão dos sapatos, interveio na palestra:

– Vocês não imaginam... As coisas estão feias! Estive na Gamboa e na Saúde... Os estivadores dizem que não se calçam nem a ponta de espada. Não falam noutra cousa. Vi um carroceiro dizer para outro que lhe ia na frente guiando pachorrentamente: Olá He! Estás bom para andares calçado que nem um doutor! Por aí vocês avaliam... Creio que há “turumbamba”!

– Agora, aqui para nós, aduzia Floc, a cousa é necessária... Causa má impressão ver essa gente descalça... Isso só nos países atrasados! Eu nunca vi isso na Europa...

– Ora, deixa-te disso Floc! Observou Gregoróvitch que entrara. No Norte, é justo, o clima, o gelo; mas no Sul, em Nápoles, na Grécia, vê-se muito...

– Isso não é Europa.

– Engraçado! Com que liberdade modificas a geografia... E em Londres?

– Que tem Londres?

– Que tem! Não há cidade do mundo em que a multidão seja mais andrajosa,

mais repugnante...

– Andam de casaco e sapatos! Gritou triunfantemente Floc.

– Que casaco! Que sapatos! Naturalmente que hão de procurar coberturas para o frio, mas onde vão buscá-las? Ao lixo e é um disparate! Se queres uma multidão catita, arranja meios de serem todos remediados. Vocês querem fazer disto uma Paris em que se chegue sem gastar a importância da passagem ao mesmo tempo ganhando dinheiro, e esquecem de que o deserto cerca a cidade, não há lavoura, não há trabalho enfim... (BARRETO, 1983:163-4, cap. XII)

No discurso de Gregoróvitch se destaca a dissonância entre a realidade social brasileira e o desejo de uma cidade remodelada, tanto do ponto de vista geográfico quanto no de usos, costumes, do ambiente. No centro, uma cidade parisiense, ao redor um deserto de desvalidos, a periferia destituída, retrato de uma cidade que se reestruturou urbanisticamente sem se preocupar em fazer o mesmo com os subúrbios, para onde se dirigiu boa parte da população que ocupava as ruas centrais, ou com os morros. Ao mesmo tempo, traça também um retrato do país, preocupado quase sempre com as aparências, com um desenvolvimento de fachada, com políticas pouco voltadas para questões de ordem estrutural, que propiciariam um desenvolvimento mais igualitário e consistente.

Insistindo que o ato do governo era um atentado contra a população, o jornal incute no povo a semente da revolta, que eclode em um motim que toma as ruas da cidade. A insistência com que tematiza o assunto e a reiteração da oposição à lei são destacadas pelo narrador como elementos que favoreceram o recrudescimento do sentimento de revolta. A agitação mantém-se por três dias, com barricadas, lutas e trocas de tiros entre populares e a polícia. Não havia chefes ou ordem naquela rebelião, que se manifestava aqui e ali, formada pelos mais díspares tipos sociais: garotos e moleques; vagabundos; desordeiros profissionais; pequenos burgueses, empregados, caixeiros, estudantes; emissários de políticos descontentes (BARRETO, 1983:167, cap. XII). O jornal estimula o conflito, exaltando os atos dos populares, sem expor, no entanto, os prejuízos causados, especialmente os humanos, com as mortes sendo escamoteadas, ocultas nas páginas. A manipulação da informação, os fatos abordados ao sabor da ocasião e dos interesses da imprensa se evidenciam no episódio de maneira exemplar:

No jornal exultava-se. As vitórias do povo tinham hinos de vitórias da pátria. Exagerava-se, mentia-se para se exaltar a população. Em tal lugar, a polícia foi repelida; em tal outro, recusou-se a atirar sobre o povo. Eu não fui para

casa, dormi pelos cantos da redação e assisti à tiragem do jornal: tinha aumentado cinco mil exemplares. [...]

[...] Houvera muitas mortes assim [por bala perdida], mas os jornais não as noticiavam. Todos eles procuravam lisonjear a multidão, mantê-la naquelas refregas sangrentas, que lhes aumentava a venda. Não queriam abater a coragem do povo com a imagem aterradora da morte. A polícia atirava e não matava; os populares atiravam e não matavam. [...] (BARRETO, 1983:167-8, cap. XII, grifos nossos)

O capítulo XII termina com uma cena plasticamente construída para destacar e exemplificar esse poder de manipulação e o desinteresse da imprensa pelo lado humano do motim, casando-se magistralmente com o início do capítulo subsequente. Isaías afirma ter visto uma morte, logo em frente ao jornal, e o narrador passa a narrar o evento como se fosse um observador, como de fato foi o papel desempenhado por ele. Após informar o leitor a respeito da morte, introduz a figura de um italianinho, encarregado de apregoar os jornais e seus assuntos, vendendo os periódicos da tarde. Paralela a essa ação, o narrador costura a imagem da cidade já retomando a sua rotina, quando, subitamente, instala-se, da forma como geralmente transcorreram os episódios do conflito, um clima de confronto entre a polícia e populares, e o italianinho, personagem secundário, no centro da ação somente por ser porta-voz daqueles que fazem a notícia, é atropelado por cavalos e “atirado de um lado para outro como se fosse um bocado de lama” (BARRETO, 1983:168, cap. XII). Da mesma forma descuidada, o corpo é levado à redação do jornal.

O capítulo seguinte se inicia da seguinte forma: “O homem que acaba de morrer não era um homem vulgar” (1983:169, cap. XIII). Ainda sob o impacto da cena que fecha o capítulo precedente, o leitor é induzido a acreditar que ali se noticia a morte do vendedor de jornais. No entanto, o leitor se surpreende, no decorrer da leitura, ao constatar que se trata do obituário do cozinheiro particular de Loberant, tal qual publicado no jornal, o qual ainda apresentava uma tarja preta, em sinal de luto. A construção do texto, em que o término de um capítulo e o início do outro enfocam o mesmo assunto — a morte de uma pessoa — em abordagens tão diferentes, é extremamente irônico. O narrador, ao se manter no mesmo tema, nos induzindo a uma leitura preliminar equivocada, demonstra a futilidade de que se reveste a prática jornalística, que dá destaque a um fato sem importância — ou que só teria importância para os familiares e para o diretor do jornal — e ignora os eventos relevantes. Ou seja, a

relevância de um assunto é particular, diz respeito ao universo de quem detém o poder de produzir a notícia.

Todas essas questões, vinculadas aos eventos cotidianos do mundo contemporâneo, levaram a discussões intensas em sala de aula, promovendo uma reflexão acerca dos processos histórico-sociais pelos quais passou e passa o país. O produto final foram debates em torno de temas como urbanização, ética e imprensa, sonhos X realidade, papel do intelectual no mundo capitalista, com produções textuais dos alunos refletindo as discussões. Quase um século depois, o romance de Lima Barreto propiciou um olhar sobre a realidade brasileira, mostrando a atualidade de sua produção, e fazendo o que o autor sempre considerou ser um dos aspectos fundamentais da boa literatura: levar à reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. 1993. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, Editora da UNESP.

BARBOSA, Jacqueline. (2007). A Mediação na Tutoria Online: o Entrelace que Confere Significado à Aprendizagem. <http://www.teses.ufc.br>.

BARRETO, Lima. 1983. *Recordações do escrivo Isaias Caminha*. São Paulo: Brasiliense.

BENJAMIN, Walter. 1989. *Paris, capital do século XIX*. São Paulo: Brasiliense.

CÂNDIDO, Antonio. 1959. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Itatiaia.

COHEN, Margaret. 2004. A literatura panorâmica e a invenção dos gêneros cotidianos. In: _____. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naif.

DALVI, Maria Amélia. 2013. *Leitura e literatura na escola*. São Paulo, SP: Parábola.

JAVIER-FALEIROS. 2013. *Leitura e literatura na escola*. São Paulo, SP: Parábola.

LIMA BARRETO, Afonso H. 1983. *Recordações do escrivo Isaias Caminha*. São Paulo: Brasiliense.

LIMA BARRETO, Afonso H. 2004. *Toda crônica: Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Agir.

SEVCENKO, Nicolau. 1989. Inserção Compulsória do Brasil na *Belle Époque*. In: **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense. p. 28.

SODRÉ, Nelson Werneck. 1966. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARBOSA, Francisco de Assis. 1989. Prefácio. In: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense. p.15

CANDIDO, Antônio (et al.). 1992. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa.

LIMA BARRETO, Afonso H. *Marginália*. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>. Acesso em maio de 2015. p.5.

LIMA BARRETO, Afonso H. 1956. “Botafofo e os Pró-Homens”. Careta, Rio, 6-8-1921. In: *Vida Urbana*. São Paulo: Ed. Brasiliense, p. 259 – Obras de Lima Barreto, vol. XI.

LIMA BARRETO, Afonso H. 1961. *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, p.96.

Apêndices

JABOR, QUE ATACOU MANIFESTAÇÕES, ADMITE QUE ERROU

Comentarista da Globo faz autocrítica depois de ter chamado os integrantes do Movimento Passe Livre de "revoltosos de classe média" que não tinham nem uma causa pela qual lutar, como há hoje na Turquia; à CBN, ele diz que aquele movimento que "tinha toda a cara de anarquismo inútil" expandiu-se como "uma força política original, até mais rica do que os caras pintadas".

17 DE JUNHO DE 2013 ÀS 14:44

O comentarista da Rede Globo Arnaldo Jabor fez, nesta segunda-feira, uma "autocrítica", como ele próprio definiu, em relação aos ataques que desferiu contra os integrantes do Movimento Passe Livre na semana passada durante o Jornal da Globo. Segundo ele, que admitiu à rádio CBN ter errado na avaliação após o primeiro protesto, aquele movimento que "tinha toda a cara de anarquismo inútil" expandiu-se como "uma força política original, até mais rica do que os caras pintadas", jovens que "derrubaram um presidente", lembra.

Depois de outras manifestações contra o aumento da passagem em São Paulo, Jabor diz que "ficou claro, com a violência maior da polícia", que a causa não era apenas o protesto contra 20 centavos a mais na tarifa de ônibus. O comentarista diz ter criticado o movimento porque temia que "tanta energia fosse gasta em bobagens, quando há graves problemas a enfrentar no Brasil". "Mas a partir de quinta-feira, com a violência maior da Polícia, ficou claro que o Movimento Passe Livre expressava uma inquietação que tardara muito no País", disse.

Desde 92, diz ele, faltava algo como os "caras pintadas". E o MPL se mostra "mais rico" que o antigo movimento, em sua opinião, "justamente porque não tem um rumo, um objetivo certo, a priori". Jabor conclui, em seu comentário, que "essa energia do Passe Livre tem que ser canalizada para melhorar as condições de vida do Brasil". "Tudo está parado e essa oportunidade não pode ser perdida. De um fato pequeno pode sair muita coisa, muito crime pode estar escondido atrás de uma bobagem", diz ele.

No comentário ao Jornal da Globo, o comentarista criticou a causa dos protestos, citando os 20 centavos e chamando os manifestantes de "revoltosos de classe média". "Ali não havia pobres que precisassem daqueles vinténs não, os mais pobres ali eram os policiais apedrejados, ameaçados com coquetéis molotov, que ganham muito mal", disse Jabor, na última quarta-feira 12. Ele acrescentou que a luta na Turquia é justa, contra um islamismo fanático, mas aqui, "se vingam de quê?", questionou. "Justamente a causa deve ser a ausência de causas. Ninguém sabe mais por que lutar", concluiu.

<http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/105579/Jabor-que-atacou-manifestações-admite-que-errou.htm>

